

LESTE EUROPEU/A 65 dias de encerrar mandato, presidente americano permite ataque com armas de longo alcance ao território russo. Decisão ocorre horas depois de Moscou lançar um dos maiores bombardeios à infraestrutura ucraniana

Biden autoriza Ucrânia a usar mísseis dos EUA

» RODRIGO CRAVEIRO

O presidente americano, Joe Biden, visitava Manaus, quando a notícia urgente começou a estampar os sites e a chegar às redações de todo o mundo. A Casa Branca autorizou a Ucrânia a utilizar o poderoso Sistema de Mísseis Táticos do Exército (ATACMS, pela sigla em inglês) para atacar alvos dentro do território russo. Há mais de um ano, o governo de Volodymyr Zelensky buscava a permissão para lançar os mísseis terra-terra de longo alcance contra a Rússia. Sob condição de anonimato, fontes ligadas à Presidência dos Estados Unidos explicaram ao jornal *The New York Times* que a decisão de Biden foi uma resposta ao envio de cerca de 10 mil soldados da Coreia do Norte para a região de Kursk, no oeste da Rússia.

A medida teria caráter dissuasivo, a fim de demover o regime de Kim Jong-un de reforçar o apoio militar a Moscou. Também seria uma resposta ao fato de a Rússia ter lançado um dos maiores ataques contra a Ucrânia em 997 dias de guerra, com 120 mísseis e 90 drones suicidas. O principal alvo foi a infraestrutura energética. Onze pessoas morreram e 20 ficaram feridas. À noite, novo bombardeio russo deixou oito mortos, incluindo uma criança, em Sumi, no nordeste ucraniano. Em 65 dias, Biden entregará o poder para o republicano Donald Trump, que prometeu acabar com a guerra em 2025.

País-membro da Organização do Tratado do Atlântico Norte e vizinho da Ucrânia, a Polônia celebrou a decisão de Washington. “Biden respondeu com uma linguagem que Vladimir Putin entende”, afirmou o chanceler polonês, Radoslaw Sikorski, na rede social X, em alusão ao líder russo. Mais cedo, em visita a Buenos Aires, o presidente da França, Emmanuel Macron, disse que Putin “não quer a paz, nem está disposto a negociar-la”. “Se precisamos saber quais são as intenções do senhor Putin, o que ele acabou de fazer no terreno mostra claramente.”

“Chegou a hora de forçar a Rússia a pôr fim à guerra. Sou profundamente grato a todos os nossos

John Hamilton/Departamento da Defesa dos EUA/AFP



Militares norte-americanos testam o Sistema de Mísseis Táticos do Exército (ATACMS), no Novo México: arma pode ser utilizada por Kiev



Há muita fala na mídia sobre termos recebido permissão (para usar os mísseis). Ataques não são feitos com palavras. (...) Os mísseis falam por si mesmos. E eles falarão”

Volodymyr Zelensky,
presidente da Ucrânia

parceiros que nos apoiam com sistemas de defesa aérea e mísseis. Este é um esforço verdadeiramente global”, declarou Zelensky, em vídeo divulgado às 19h05 de ontem (hora de Brasília). “O plano para fortalecer a Ucrânia é o Plano da

Vitória, que apresentei aos nossos parceiros. Um de seus pontos-chave são as capacidades de longo alcance para nosso exército. Hoje, há muita fala na mídia sobre termos recebido permissão para as respectivas ações. Ataques não são feitos com palavras. Tais coisas não foram anunciadas. Os mísseis falarão por si mesmos. E eles falarão.”

“Terceira Guerra”

Até o fechamento desta edição, Putin não tinha se pronunciado sobre o assunto. No entanto, Vladimir Dzhubarov, primeiro vice-chefe do Comitê de Assuntos Internacionais da Câmara Alta Russa, advertiu que a resposta de Moscou seria imediata. “Este é um grande passo em direção ao começo da Terceira Guerra Mundial”, declarou à agência de notícias estatal Tass.

Deputada do Verkhovna Rada (Parlamento da Ucrânia), Alyona Skhrum (leia o Depoimento) afirmou ao **Correio** que a autorização

para uso do ATACMS era uma decisão “esperada há muito tempo”. “É óbvio que se trata de uma ótima decisão. Esperamos que possa mudar o rumo da guerra e a nossa defesa”, comentou. Ela não vê o risco de uma reação desmedida do presidente russo, Vladimir Putin. “Na verdade, todas as respostas da Rússia têm sido desproporcionais, desde bombardeios a jardins-da-infância e assassinatos de crianças usando armas químicas até um ecocídio e uma ameaça de ataque nuclear”, comentou.

Por telefone, a também deputada Lesia Vasykenko disse ao **Correio** que, a partir de agora, a Ucrânia conseguirá destruir muitas das fontes de ataque à Ucrânia, como os centros de comando da Rússia, aeroportos e bases aéreas. “Conseguiremos atingir esses alvos usando as mesmas táticas utilizadas pelos russos. Esperamos que, no curto prazo, isso represente menos bombardeios à infraestrutura ucraniana e aos civis. A longo pra-

zo, esperamos uma mudança no front”, declarou.

Para Olexyi Haran, professor de política comparativa da Universidade Nacional de Kiev-Mohyla, a decisão da Casa Branca é “importante, apesar de tardia”. “A questão é quantos mísseis dos EUA nós temos. A decisão poderia mudar a dinâmica do front e tornar a defesa ucraniana mais ativa e sólida”, disse à reportagem. “Putin blefa, e essa resposta americana deveria ter vindo bem antes. Sobre os riscos representados por essa medida, eu pergunto: ‘Por quanto tempo mais os ucranianos devem ser mortos, incluindo os civis?’. Depois da vitória de Donald Trump nas eleições de 5 de novembro, a Rússia iniciou uma escalada bélica na Ucrânia. Putin sabe que Trump terminará a guerra; por isso, quer estar em uma melhor posição para as negociações. A escalada está no reforço das tropas da Coreia do Norte e nos ataques à infraestrutura energética ucraniana.”

Depoimento

Arquivo pessoal



“Os russos aterrorizam os ucranianos”

“Tenho uma bebê de 10 meses. Fomos acordados, em nosso apartamento, no centro de Kiev, pelas explosões. Algumas foram tão fortes que as janelas começaram a tremer. Por volta das 6h (1h em Brasília), nos refugiamos no banheiro, que funciona um pouco como um abrigo, e passamos parte da manhã lá. Mais tarde, descobri que, bem perto de nosso imóvel, partes de um drone russo caíram sobre um edifício residencial, que pegou fogo. Duas mulheres se feriram. O ataque também alvejou a infraestrutura de eletricidade e de água. Uma parte de Kiev ficou sem abastecimento, sem energia e sem aquecimento.

Estamos no inverno, e a temperatura pela manhã era de 1 grau Celsius. A Rússia atinge a infraestrutura para que as pessoas fiquem sem aquecimento, sem eletricidade e sem água quente. Os russos aterrorizam os ucranianos, para que nos rendamos. Tentam atingir o máximo de alvos civis para trazer mais medo às pessoas — este ano bombardearam escolas, jardins-de-infância e o maior hospital infantil da Ucrânia, no qual minha filha fez um check-up. Basicamente, Putin envia a mensagem: a Ucrânia será parte da Rússia ou vocês não terão uma vida normal.”

Alyona Skhrum, deputada do Verkhovna Rada (Parlamento da Ucrânia)

FAIXA DE GAZA

“Um tanque passou por cima do meu filho”, conta jornalista

Os olhos do jornalista palestino Motasem Dalloul, 44 anos, viram muito mais do que ele suportaria. Mas foi o coração quem recebeu os impactos mais dolorosos da guerra. Por 49 vezes. É o número de familiares que ele perdeu nos ataques israelenses. Entre eles, estão a esposa, de 35 anos, e os filhos Abu Baker, 2, e Yahya, 4. Em 28 de fevereiro passado, a fome assolava a Faixa de Gaza.

“Não tínhamos nenhuma comida. Morávamos com parentes, pois nossa casa tinha sido destruída. Por volta das 4h, soube que caminhões de ajuda humanitária entrariam na Cidade de Gaza, através da Rua Rashid. Corri até lá e consegui um pacote e 25kg de farinha. Eu estava feliz e achei que minha mulher e minhas crianças também ficariam alegres. Fiquei em choque ao saber que, 15 minutos depois de eu sair, Israel bombardeou o nosso bairro de Al-Daraj, matando mais de 20 pessoas, incluindo a minha esposa e Abu Baker”, contou ao **Correio**, por telefone.

Enquanto falava com Motasem, a reportagem pôde escutar o barulho de drones e três explosões.



Motasem Dalloul, pouco antes de descobrir a morte da família, em Gaza

“Minha felicidade se tornou luto”, desabafou ele. O filho mais velho, Asem, 7, ficou ferido na perna direita, mas sobreviveu. Três meses depois, o jornalista viu a guerra levar o filho do meio. “Fomos até o local onde ficava a nossa casa, para buscar roupas sob os escombros, no sul da Cidade de Gaza. Franco-atiradores dispararam contra a cabeça de Yahya. Os tanques vieram e continuaram atirando em nossa direção, de forma arbitrária. Não pu-

de levar o corpo dele e preferi fugir com Asem. Retornei 10 dias depois e encontrei partes do corpo dele. Um dos tanques passou por cima do meu filho”, relatou Motasem.

O repórter afirmou que faz seu trabalho como qualquer jornalista. “A diferença é que aqui todos somos alvos. Conheço vários jornalistas que perderam todos os familiares. Alguns deles descobriram isso quando fotografaram os mortos nos hospitais. Cerca de 190 repór-



Minutos depois, ele carrega o corpo do filho caçula, Abu Baker, 2 anos

teres morreram desde o início da guerra”, disse Motasem. Ele acusou Israel de atacar deliberadamente os jornalistas, em uma campanha de “desinformação”. “Não há meios de nos protegermos. Nem mesmo tenho um capacete. O nosso escritório foi destruído, assim como todos os equipamentos. Até mesmo as organizações internacionais pediram que os jornalistas saíssem da Faixa de Gaza. Muitos fugiram para o Egito, a Jordânia ou o Reino Uni-

do”, lembrou. Em 2018, Motasem foi ferido por um franco-atirador, enquanto cobria uma manifestação contra o cerco de Israel.

Bombardeios

Ataques aéreos israelenses mataram, ontem, pelo menos 55 pessoas na Faixa de Gaza. O bombardeio mais letal ocorreu durante a madrugada, em Beit Lahya, no norte do território: 30 palestinos



Yahya, o outro filho, de 4 anos, foi atropelado por um tanque

morreram, incluindo mulheres e crianças, e dezenas ficaram presos sob os escombros. Outras 26 pessoas morreram em bombardeios no sul (em Rafah e Khan Yunis) e em Nuseirat e Bureij, ambas no centro do território. Israel também voltou a atacar Beirute, capital do Líbano. O porta-voz do movimento xiita Hezbollah, Mohamad Afif, morreu em um bombardeio contra um edifício no centro da cidade. (Rodrigo Craveiro)